



Voz de Retaxo

DIRECTOR:
JOÃO A. PIRES CARMONA

BIMESTRAL | ANO 34º
N.º 214

MARÇO e ABRIL de 2020

Editorial

O mundo está diferente, o Corona Vírus virou tudo do avesso. Os receios de contágio, o medo da doença, tomaram conta dos nossos dias, puseram-nos em casa, quase pararam o comércio, quase pararam a indústria, abrandaram o nosso viver e o que faz andar o mundo, a economia. No fim e como sempre, haverá os ricos muito mais ricos e os pobres mais pobres e em maior número. Que raio de sina!

Esperamos que a situação que vivemos tenha mostrado às pessoas a importância da existência de um Serviço Nacional de Saúde (SNS) que responda – como este tem respondido! – às necessidades de todos nós, especialmente dos mais carenciados, de menores recursos.

O SNS criado pelo saudoso António Arnault e que tantos têm procurado destruir, é um bem inestimável, uma jóia preciosa que merece que lutemos por ela, com o nosso voto e, com a nossa denúncia se funcionar mal.

Pasmo com os ataques que tenho ouvido às pessoas das Ministra da Saúde e da Directora Geral de Saúde, só porque não utilizaram as palavras que “jornaleiros” e “paineleiros”, que conhecem e sabem tudo, queriam que tivessem usado. Não sabem, talvez porque nunca tenham estado nessa situação, o que é ter de decidir, de tomar medidas em tempo curto, sem os meios necessários e sem a informação e conhecimento necessários a uma boa e correcta decisão! Daí a importância de haver um governo, a importância de Portugal ser e constituir um ESTADO, ou seja uma Nação politicamente organizada!...

Que a nível individual, cada um de nós e no seu dia a dia, saiba acatar as recomendações das entidades competentes, seja rigoroso no cumprimento dos cuidados estabelecidos por quem sabe mais que nós, defendendo-se a si e todos os outros que o rodeiam.

João A. Pires Carmona

P.S. o autor segue a ortografia antiga



- CORONA VÍRUS E OUTRAS PANDEMIAS
- DA GUERRA AO 25 DE ABRIL: DAS EPIDEMIAS QUE NOS ESPERAVAM
- ESPERANÇA RENOVADA EM PANDEMIA TERMINADA...

• paginas 4 e 5

HISTÓRIAS DE VIDA

é uma rubrica que recorda a uns e dá a conhecer a outros como se vivia



ZÉ BOUCEIRO - O operário, o mestre, o fadista e o cozinheiro que gostava de viver

• paginas 6 e 7

A Fábrica da Memória

O Benemérito João Salavessa ...e o chafariz de Cebolais

**ALÍSIO SARAIVA
e os seus “amores”**



Por falta de espaço não publicamos neste número os títulos acima pelo que apresentamos as nossas desculpas aos seus autores.

Nota do DIRECTOR: Os conteúdos do jornal VOZ DE RETAXO não vinculam a ACSRFRETAXO mas apenas o autor, cujo nome é inscrito!

25 de Abril

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

Sophia de Mello Breyner Andresen, 1974



PANDEMIA

Esta maldita pandemia
Trouxe tudo o que eu não queria
Amigos e família afastados
Beijos e abraços adiados
Profissionais de saúde e doentes isolados

Para evitar a propagação
Vamos todos ficar em reclusão
Por isso fiquem em casa
Isto não é brincadeira, não!

Os números não param de aumentar
Temos de aceitar a quarentena
Por isso, vamos todos acalmar
Porque o vírus é quem mais ordena

A lista de doentes e defuntos
Não deixa de engrossar
Mas com a união de todos
Esta pandemia irá acabar

Para terminar quero agradecer
E espero ninguém esquecer...
Sejam eles: médicos, enfermeiros,
Policiais, bombeiros, padeiros,
Trabalhadores rurais e muitos mais

A todos os que trabalham
Sem parar, para nada nos faltar
O meu bem-haja vou deixar.

Conceição Correia 06.04.2020



**Albano Pereira Leitão,
Unipessoal Lda.**

**PÃO CASEIRO
BROAS DE MEL - BISCOITOS - BOLOS DE FESTA**

Rua Nun'Álvares Pereira, 6
6000-500 CEBOLAIS DE CIMA

Telef. 272 998 676
Telem. 933 189 386



Restaurante
Restaurante Regional | Café | Convívios

“O Ramalhete”

de Paula & Lurdes Ramalhete

Especialidade da Casa:
Cabrito - Bife à Casa - Bacalhau à Lagareiro

Coordenadas: N 39º 46' 10" W 7º 25' 27"
EN 3, km 116 (junto ao apeadeiro da CP)

Telef.: 272 989 484 - 962 289 565
REPRESA 6000 - 620 Retaxo



CANTINHO DA POESIA

A grave crise que vamos vivendo no dia a dia levou-me a pensar em desafiar os habituais poetas destas páginas a “desta vez versarem sobre a pandemia, sobre o COVID19”. Todos aceitaram o repto e na 1ª. página e abaixo, publicamos os contributos que nos enviaram. O VOZ DE RETAXO agradece a disponibilidade, estando certo que as suas palavras são um incentivo e ao mesmo tempo um alerta para todos os leitores.

Maldito Coronavírus

Maldito coronavírus
És mesmo um bicho danado
Se te apanhoavas com um pano encharcado...
Um pano encharcado de lixívia
E mais uns quantos químicos, para te matar
Senão quando irás parar

Nesta luta tudo serve para o bicho anular
Por isso é urgente uma vacina criar
Há falta de luvas, máscaras e reagentes
Mas os nossos químicos são uns valentes
E vão fabricar os produtos
Que nos estão a faltar

É preciso testar os idosos
A quem devemos respeito
Sem esquecer o resto da população
Que vive nesta aflição

Covid-19 és um vírus resistente
Que não deixa de matar gente
Mas não cantes de galo
Logo, logo vem a vacina
Para acabar com esta sina

Abateu-se este mal sobre o Mundo
Não distingue sexo ou idade
A todos trata de igual sorte
Seja plebeu, nobre, rico ou pobre
Nem quem tem mais dinheiro
És mesmo um bicho traçoeiro!

Conceição Correia 09.04.2020

CORONA VÍRUS (COVID 19) I Andei na guerra colonial Vi camaradas morrer ao meu lado Foi uma época muito conturbada Mas eu nunca me dei como derrotado II Foram uns longos 25 meses Que eu por lá andei e lutei Apanhei lá a “lica” e o “paludismo” Mas nunca eu desanimei III Eu embarquei para lá Com muita fé e paixão Porque eu nunca Tinha andado de avião IV Agora passados quase 50 anos Uma nova guerra se está a combater É um vírus, o vírus COVID 19 Onde muita gente está a morrer	V Maldita doença invisível Que pelo mundo se espalhou Só sei que foi na China Que todo este mal começou VI Estou na casa dos 70 anos E nunca vi nada assim Mas tenho fé e esperança Que isto vai ter um fim VII A ordem é para estar em casa Que eu cumpro com algum rigor Mas ainda há muita boa gente Que não lhes dá nenhum valor VIII Eu sou católico não praticante Pergunto o que anda Deus a fazer Que não ajuda nem dá apoio Aos que pelo mundo estão a sofrer	IX No meio de toda esta turbulência Devemos ter medo mas não desanimar Devemos ter força, fé e esperança Que <u>tudo isto</u> um dia vai acabar X A todos os envolvidos nesta doença Pessoal médico, auxiliar, PSP, GNR e Bombeiros Que por nós trabalham e nos defendem E que apanhar a doença são os primeiros XI A todos eles presto a minha gratidão Por tudo o que nos estão a fazer O meu obrigado pelo seu desempenho Que evita que tantos e tantos possam morrer. Carlos Ribeiro ABRIL 2020
---	---	---



Espaço dos Nossos Associados

Aniversariantes de Março e Abril

Março
Manuel de Oliveira G. Galvão
Nazaré Carrolo
Rui Miguel Almeida Oliveira
Maria de Jesus
António Oliveira pires
Isabel Maria Belo Gomes
Fábio Miguel Martins Barata
Maria de Lurdes Ferro Rodrigues
Vitor Manuel Alves Correia

Abril
António Lopes Ribeiro
Manuel de Almeida Barata
Leontina do Rosário Nunes Rodrigues
Graciosa Rodrigues Carmona
Agostinho Beirão Gomes Belo
Amândio da Conceição Ribeiro
Henrique Nunes Paulo
José Cabrito Vaz
Elsa Mª Pires S. F. Almeida
Carlos Alberto Simões Duarte
Maria da Piedade Salgueiro Barata
Paula Maria Pinheiro Rosa
João Gonçalves Ribeiro Mota
Manuel Nunes Fonseca
Domingos Gomes Ramos de Almeida
Carlos Joaquim Oliveira Mendes
João Luís Carmona Ribeiro
João Manuel Mendes Belo
Joaquim Rosa Gonçalves

----- soneto da quarentena -----

Há que cumprir este confinamento
Como um tribunal que decide uma pena
E ficamos tempos sem fim em quarentena
Serenos e calmos sempre em isolamento.

Por vezes desesperamos e surge o desalento
Que vem sorrateiro atacar como uma hiena
De quem em plena Primavera hiberna
Com um olhar de liberdade sedento.

Coisa que a todos nós afecta
E por isso muito temos que o reear
E em casa ficar sem medo e resistir.

A ninguém abrir a nossa porta
Usar a máscara para ar bom respirar
Enquanto este Inferno teimar em persistir.

Carlos Barata, 24 de Abril de 2020

ASSOCIAÇÃO EM NOTICIA

EVENTOS e ACTIVIDADES

O CORONA VÍRUS fez com que tivéssemos de colocar de lado a AGENDA DE ACTIVIDADES da ACSRF Retaxo e passássemos a funcionar de acordo com os confinamentos determinados pelo Governo. Nessa linha de actuação as portas da ACSRF Retaxo encerraram, mas CREMILDA OLIVEIRA continuou a assegurar o funcionamento da nossa Associação, nas tardes de todos os dias da semana excepto às quartas-feiras, no horário das 14.00 às 17.00 horas.



Aliás, desde 2010 que CREMILDA OLIVEIRA é o rosto diário nas tardes da ACSRF Retaxo, assegurando:

- A gestão e Distribuição dos bens do Banco Alimentar
- O expediente da Associação, nele se incluindo o atendimento de quem ali se dirigir, associados e outros;
- A arrumação e limpeza das instalações;
- O serviço de cópias e quotas;

Nesta última semana, Cremilda Oliveira procedeu à gestão e distribuição dos bens alimentares recebidos do Banco Alimentar contra a fome, actividade que não se sabe ainda se sofrerá algum atraso dado o facto de se terem esgotado os bens existentes em stock e o Banco Alimentar estar impedido de proceder às campanhas de recolha desses bens, campanhas que são o principal suporte da sua actividade.

João A. Pires Carmona

LISTA DE SÓCIOS – actualizada em 9 de Janeiro de 2020

No último número informámos que a numeração de associado havia sido actualizada. Para que cada sócio conheça mais facilmente o seu número de sócio actual, publicamos a listagem de todos os associados com excepção daqueles que, sendo ainda associados, não procederam ao pagamento das suas quotas. Se o vosso nome não constar na listagem abaixo, é sinal de que é um dos que tem quotas em atraso, pelo que agradecemos proceda à sua regularização junto da Cremilda ou através de transferência bancária para o IBAN indicado.

A nossa Associação precisa de si. Por favor, ajude-a!

<div></div> <div>SÓCIOS - actualização JANEIRO 2020</div>	<div>Nº 41 – (quotas em atraso)</div> <div>Nº 42 – Isabel Maria Nunes Lourenço</div> <div>Nº 43 – Idalina Rodrigues Afonso</div> <div>Nº 44 – Alberto José Pires Afonso</div> <div>Nº 45 – (quotas em atraso)</div> <div>Nº 46 – José Moura Ferro</div> <div>Nº 47 – João Carlos Ferro Rodrigues</div> <div>Nº 48 – Maria Antónia Marques Miranda</div> <div>Nº 49 – Otelinda Pires Duarte Salavessa</div> <div>Nº 50 – António Mota Martins</div> <div>Nº 51 – Januário Rodrigues Marques</div> <div>Nº 52 – Francisco Manuel Barreto Faisca</div> <div>Nº 53 – Paula Cristina Correia Leitão</div> <div>Nº 54 – Maria Madalena N. D. Salavessa</div> <div>Nº 55 – José Gomes de Oliveira Rodrigues</div> <div>Nº 56 – Joaquim Manuel Ferro Rodrigues</div> <div>Nº 57 – (quotas em atraso)</div> <div>Nº 58 – Elsa Mª Pires Sequeira F. Almeida</div> <div>Nº 59 – João Alberto Fazenda Pires</div> <div>Nº 60 – Adélia Ramos Faustino</div> <div>Nº 61 – José Ferro Correia</div> <div>Nº 62 – Maria Emília D. L. Oliveira</div> <div>Nº 63 – Manuel de Oliveira G. Galvão</div> <div>Nº 64 – (quotas em atraso)</div> <div>Nº 65 – José Emanuel Pires Moura Ferro</div> <div>Nº 66 – Luís Vaz Bicho Mendonça</div> <div>Nº 67 – João Pedro Pires Goulão</div> <div>Nº 68 – Gonçalo Filipe Pires Cristóvão</div> <div>Nº 69 – António Luís Mota Alves</div> <div>Nº 70 – António Lopes Ribeiro</div> <div>Nº 71 – Carlos Manuel Lopes de Oliveira</div> <div>Nº 72 – Carlos Manuel Gonçalves Ramos</div> <div>Nº 73 – Carlos Manuel Ribeiro Faustino</div> <div>Nº 74 – Carlos Alberto Duque Ribeiro</div> <div>Nº 75 – Joaquim Rosa Gonçalves</div> <div>Nº 76 – Amílcar Belo Grade Ramos</div> <div>Nº 77 – (quotas em atraso)</div> <div>Nº 78 – Belarmina de J. Oliveira Rodrigues</div> <div>Nº 79 – Sebastião José Fonseca Canelas</div> <div>Nº 80 – Laurinda Mª Duarte Coelho Canelas</div> <div>Nº 81 – Joaquim Pires Vilela</div> <div>Nº 82 – Sílvia Alexandra Ribeiro Antunes</div> <div>Nº 83 – Margarida Pires Goulão</div> <div>Nº 84 – (quotas em atraso)</div> <div>Nº 85 – José Virgílio Fidalgo dos Santos</div> <div>Nº 86 – Hugo Daniel Mendes Tavares</div> <div>Nº 87 – Domingos Ribeiro de Oliveira</div> <div>Nº 88 – José Manuel Carmona Ribeiro</div>	<div>Nº 89 – Nuno Miguel Pereira Pires</div> <div>Nº 90 – Maria de Lurdes C. M. N. Roque</div> <div>Nº 91 – Manuel Nunes Fonseca</div> <div>Nº 92 – Zulmira Rosa Nunes Barreto</div> <div>Nº 93 – Joana Alexandra F. P. F. Rodrigues</div> <div>Nº 94 – Maria de Fátima Oliveira Martins</div> <div>Nº 95 – Maria da Conceição Ferro Correia</div> <div>Nº 96 – Tânia Alexandra Afonso Lourenço</div> <div>Nº 97 – Ana Rosa Ribeiro Antunes</div> <div>Nº 98 – João Gonçalves Ribeiro Mota</div> <div>Nº 99 – Maria Tomásia da Costa Pires</div> <div>Nº 100 – Deolinda Nunes G. Rodrigues</div> <div>Nº 101 – António Ribeiro Belo</div> <div>Nº 102 – Ludovina Mª Ribeiro F. P. Belo</div> <div>Nº 103 – Leontina do Rosário N. Rodrigues</div> <div>Nº 104 – Domingos Gomes Rodrigues</div> <div>Nº 105 – João Duarte de Oliveira</div> <div>Nº 106 – Sara Cláudia R. Lopes Santos</div> <div>Nº 107 – Domingos Belo Correia</div> <div>Nº 108 – António Eduardo dos S. Oliveira</div> <div>Nº 109 – Rui Miguel Almeida Oliveira</div> <div>Nº 110 – Carlos Alberto Simões Duarte</div> <div>Nº 111 – Clara Maria Lopes Carrega</div> <div>Nº 112 – Cremilda Martins de Oliveira</div> <div>Nº 113 – Diniz Miguel Gomes Salgueiro</div> <div>Nº 114 – Isabel da Conceição Pires Tavares</div> <div>Nº 115 – Jorge Manuel Pires T. Gonçalves</div> <div>Nº 116 – Manuel Ribeiro Alves</div> <div>Nº 117 – Sérgio Manuel Gonçalves Marques</div> <div>Nº 118 – Graciosa Rodrigues Carmona</div> <div>Nº 119 – João Correia Barata</div> <div>Nº 120 – Maria de Jesus</div> <div>Nº 121 – Nazaré Belo Duarte de Oliveira</div> <div>Nº 122 – Manuel Alfredo Rocha Garcia</div> <div>Nº 123 – Natália Jesus Rodrigues Belo</div> <div>Nº 124 – (quotas em atraso)</div> <div>Nº 125 – Mabel Maria L. M. F. Mendes</div> <div>Nº 126 – Vergílio da Conceição Martins Calo</div> <div>Nº 127 – João Manuel Ribeiro Lourenço</div> <div>Nº 128 – Emília Maria S. Pedro Boletto</div> <div>Nº 129 – Isabel Maria Belo Gomes</div> <div>Nº 130 – Maria dos Prazeres da A. A. Oliveira</div> <div>Nº 131 – Maria Ermelinda Milheiro Piçarra</div> <div>Nº 132 – Maria Filomena Milheiro</div> <div>Nº 133 – Celma de Lassalette do C. Nogueira</div> <div>Nº 134 – José Cabrito Vaz</div> <div>Nº 135 – João do Nascimento Mota</div> <div>Nº 136 – Olívia Maria C. C. de Pires Carmona</div>	<div>Nº 137 – Dilog Pinto Rosa</div> <div>Nº 138 – Armando Vaz Gonçalves</div> <div>Nº 139 – Alberto da Conceição Nunes</div> <div>Nº 140 – Túlio Manuel Ferro Rodrigues</div> <div>Nº 141 – João Manuel Antunes Lopes</div> <div>Nº 142 – António Fernandes Marques Nunes</div> <div>Nº 143 – Abílio Ferreira da Fonseca</div> <div>Nº 144 – Maria da Piedade Salgueiro Barata</div> <div>Nº 145 – Hermínia Maria Peres João Valente</div> <div>Nº 146 – Fábio Miguel Martins Barata</div> <div>Nº 147 – Maria Eduarda Sabino Corga Lucas</div> <div>Nº 148 – (quotas em atraso)</div> <div>Nº 149 – Manuel Rosa Boletto</div> <div>Nº 150 – João Alberto Pires Carmona</div> <div>Nº 151 – Manuel da Conceição Rodrigues</div> <div>Nº 152 – Carlos Dias Antunes</div> <div>Nº 153 – Maria Emília R. S. Pedro Tavares</div> <div>Nº 154 – Eduardo Manuel Vaz</div> <div>Nº 155 – Aurora Maria C. C. Pires Carmona</div> <div>Nº 156 – Nazaré Carrolo</div> <div>Nº 157 – António Carlos da Silva Figueira</div> <div>Nº 158 – Maria José Cabeças Susana Tomé</div> <div>Nº 159 – Maria da Graça Lourenço Rodrigues</div> <div>Nº 160 – Manuel Pires Nunes Ferro</div> <div>Nº 161 – Maria Otília Ribeiro D' Oliveira</div> <div>Nº 162 – Eusébio Almeida Gonçalves</div> <div>Nº 163 – Rosa Emília Mota Pinto</div> <div>Nº 164 – Paula Maria Pinheiro Rosa</div> <div>Nº 165 – Maria Belo Dias Duarte</div> <div>Nº 166 – Maria dos Remédios Sabino</div> <div>Nº 167 – Ângelo Carvalho dos Santos</div>
		<div>NOTA:</div> <div>Regulamento interno da ACSRF Retaxo, aprovado em 15 de Junho de 2007</div> <div>....</div> <div>Artº 18º - ...</div> <div>1. Ao sócio que deixar de pagar 3 (três) meses de quotas e que depois de avisado não as liquidar, será dada baixa.</div> <div>Por favor, pague as suas quotas porque elas são o fundo de maneo da nossa Associação. São apenas 12 euros por ano. Transfira para o IBAN abaixo, indicando o seu número de sócio:</div> <div>PT50 0010.0000.1216.9450.0017.7</div>	



PADARIA
CANELAS & COELHO, Lda.

Fabrico de Pão e Bolos Regionais

Contactos: 272989560 / 966101 270 / 963607590
6030-111 Amarelos / Sarnadas de Ródão

Água é Vida

FRANCISCO MARTINS AFONSO

FUROS ARTESIANOS

Tel. 00351 272 997 329
Tlm. 00351 969 056 400

Estrada Municipal - REPRESA - 6000-620 Retaxo

Café “O Retiro”

Mediador Jogos Santa Casa

Bebidas e Petiscos

Máquina de Diversão



Rua 1.º de Dezembro, 26
Telef.: 272 989 393
6000-621 RETAXO
CASTELO BRANCO



payshop

ASSOCIAÇÃO EM NOTICIA

CORONA
VÍRUS e OUTRAS
PANDEMIAS

Não é a primeira vez, nem será a última, que o nosso mundo, a nossa Terra se confronta com o aparecimento de vírus que causam pandemias, dado que a sua acção e influência se estende por 2 ou mais continentes.

Todos os anos a simples GRIPE é responsável por mais de 3.000 (três mil) mortos só em Portugal, rezam as estatísticas. Também ela e tal como o CORONA VÍRUS ou COVID19, como foi registado e vai ficar conhecido, afecta fundamentalmente a população mais idosa porque normalmente já padece de outras doenças ou maleitas, que se agravam muitas vezes irremediavelmente.

Reza a história que entre as diferentes pandemias que mais marcaram este mundo a PNEUMÓNICA ou GRIPE ESPANHOLA (1918/1919), como ficou conhecida, foi a que mais danos provocou inflingindo a morte a cerca de 40 (quarenta) milhões de pessoas em todos o mundo, algumas dezenas de milhares em Portugal.

A PESTE NEGRA terá matado cerca de 25 milhões de pessoas, a SARS-COV1 (2002/2003) terá provocado cerca de 800 mortes e a MERS (2012, na Arábia Saudita) infectou apenas 64 pessoas mas matou 39 delas, numa taxa de 59%.

Não nos referindo ao Ébola ou ao HIV, por mais recentes, a minha geração que cumpriu a guerra colonial em África, conheceu bem a malária ou paludismo e ouviu falar da febre amarela, da varíola, difteria, tétano e febre tifóide e paratifóide (TAB) porque todos nós éramos vacinados logo que éramos alistados no serviço militar ou antes da partida para África.

Tendo chegado a Angola integrado numa Companhia de Fuzileiros (136 homens), um mês depois e ainda na cidade de Luanda, cerca de 40 homens já estavam ou tinham tido paludismo que, nos casos benignos, passava em cerca de uma semana, com tratamento à base de cloroquina/mephaquina/resoquina e antipiréticos. Nos casos em que o plasmódio se aloja no cérebro a situação clínica torna-se problemática porque facilmente pode levar à morte. Não havendo vacina específica, duas vezes por semana tomávamos 1(um) comprimido para que no caso de sermos atingidos a afecção fosse mais benigna. Mas vários foram os casos em que só após o fim das comissões e já em Portugal, é que a doença se manifestava e era um problema complicado quando o médico não era alertado para a estadia recente em África. Um dos “barbeiros” da minha Companhia de Fuzileiros veio a falecer cerca de 3 meses após o regresso a Portugal, atingido por “paludismo cerebral”!

Mas também a própria guerra é em si mesmo uma pandemia, apesar de não ser tratada como tal. Para que os leitores possam fazer a analogia, deixo-os com duas reflexões feitas por antigos camaradas de armas que, à sua maneira, divagam sobre algumas das pandemias que afectam algumas partes deste mundo que é nosso, mas não de todos!

João A. Pires Carmona

DA GUERRA AO 25 DE ABRIL: DAS EPIDEMIAS
QUE NOS ESPERAVAM

Estamos, hoje, a enfrentar uma pandemia, o COVID 19, cujo alastramento rápido nos causa grande apreensão, porque não existe um medicamento eficaz que ataque, ou, pelo menos, reduza a sua letalidade.

Há 50 anos, quando cheguei à Guiné, como militar, já passara, nos últimos meses de 1969, pelo Hospital da Marinha, para receber medicação e controlos médicos para a malária/paludismo e vacina contra a febre amarela, bem como, antes contra a varíola, difteria e tétano e TAB.

E ao chegar a Bissau, contra a cólera. Não imaginava, então, para que era necessário tanta picada, medicação e controlos sanitários.

Nem já me recordava de toda a miscelânea, se não tivesse à mão o «Livrete de Saúde», do Ministério da Marinha, com o nº 542 R.

E, entre as rubricas «gatafunhadas» dos médicos navais, consegui decifrar a de dois, que conheci na Guiné e que, na sua carreira, vieram a ser os responsáveis da Saúde Naval, com o posto de contra-almirantes, Silvestre Romero e Rui Abreu.

Foi, na Guiné, que verifiquei o que são epidemias e como criminoso é não ter serviços públicos sanitários para as combater.

Não, principalmente, para com os militares idosos da «metrópole», mas, acima de tudo, para com as populações que ali viviam e, que, em hossanas nacionalistas,

os mentores do Império consideravam como fazendo parte de Portugal, do Minho a Timor.

Não sabia o que o paludismo provocava e a razia que fazia entre os naturais.

Sofri na pele os seus efeitos. Apesar da medicação, apanhei a febre palúdica.

Estive quatro dias internado, com febre de 41 °centígrados, que me davam até alucinações, a receber injeções «cavalares», de que já não recordo o nome.

O facto ficou registado no «Livrete de Saúde Naval». Recuperei, mas ela «perseguiu-me» durante vários anos, sem a virulência da primeira vez.

Por outro lado, o meu contacto com a «doença do sono» deu-se de uma maneira quase «surrealista».

Então, não tinha a mínima ideia de que existia e o que produzia.

A minha unidade estava destacada em Teixeira Pinto, hoje Canchungo, e um grupo de assalto, sob o meu comando, recebeu a missão de fazer um golpe de mão, algures na região na confluência norte dos Rios Mansoa e Baboque. Havia a informação de que um grupo guerrilheiro ali actuava. O comando regional indicou-nos um guia autóctone para nos acompanhar.

Seguimos de bote e desembarcámos num local previamente escolhido. Movimentámo-nos umas dezenas de

metros para o interior. De repente, o guia, que ia à frente, começa a gesticular para voltar para trás e a gritar, desesperadamente, em crioulo: «fugi, fugi, fugi» e de imediato mete os pés a caminho, em direcção à margem.

Pensei que vira as forças do PAIGC a dirigir-se para o local onde estávamos. Mandeí parar e emboscar.

Contudo, ele não parava de gritar. Veio até mim e puxou-me o braço e dizia-me: «curri, curri, no é tropa PAIGC. Mosca tsé-tsé!»

Realmente, via-se uma «multidão» de moscas a movimentar-se na nossa direcção. Até pareciam lindas, a esvoaçar num tom azulado.

Caí em mim e dirigimo-nos apressadamente para os botes. Saltámos em passo de corrida e zarpámos sem olhar para trás.

Depois já no quartel, perguntei ao guia, se havia muitos doentes com a doença do sono, provocada por aquelas moscas, infectadas com um parasita, o «tripanossoma».

Que sim, atirou-me e levou-me a ver uma unidade, que existia nos arredores de Teixeira Pinto, onde funcionava uma espécie de enfermaria, que me pareceu meio abandonada, onde «vegetavam» meia dúzia de naturais, que mais pareciam «mortos-vivos».

Recomendou-me para não me aproximar, que era perigoso.

Foi esse guia que também me mostrou outros casos de epidemias que afectavam a população, como a elefantíase



Imagens de elefantíase

e a boubá (uma infecção que ataca a pele, osso e articulações).



boubá

Estas epidemias, que para nós, europeus, nada significam, continuam a existir e ceifam milhares de vidas todos os anos.

Serafim Lobato
2TEN RN FZE 69/72

ESPERANÇA RENOVADA EM PANDEMIA TERMINADA...

Nesta fase do nosso percurso de vida tudo nos parece muito negro.

Pessoalmente, utilizando linguagem de Fuzileiro na Marinha, vou ensaiando umas “nomadizações” entre a sala de jantar, o quarto ou a cozinha, mas não saio do perímetro da unidade há mais de um mês, salvo uma surtida ao supermercado da esquina para comprar umas “rações de combate”.

Será mesmo linguagem de fuzileiro?

Talvez não, mais de antigo combatente que julgo termos sido todos os que penaram lá na Guiné, mas também em Angola ou Moçambique, a “brincar às escondidas” com o PAIGC ou com os amigalhões de outros teatros de conflito.

Julgo que ali o jogo era bastante mais frontal, por vezes a dar para o torto quando menos se esperava, com algumas evacuações para o hospital ou, bem pior, para o velho Continente, sabe Deus em que condições e para que “moradia”... os caixotes também eram em madeira!

Verdade seja que, entre passear num andar de cimento armado alternando a cozinha com a sala de jantar ou fechado dois anos num navio que, qual lata de sardinhas como eram as lanchas em que navegávamos protegendo outros e defendendo a soberania portuguesa naquelas terras (e fossem elas LFG, LFP, LDG, LDM ou LDP), nem representa grande diferença.

Aqui ainda temos algum apoio familiar, mas então lá no outro lado do mundo só nos fazia mesmo companhia a família militar.

Bem, depois ao virar da esquina, que é como quem diz numa curva do rio Cacheu, do



LDM atraca à LFG LIRA algures no rio Cacheu – Guiné 1966/68



LFG ORION entrando no rio Cacheu – Guiné 1966/68

Cumbijã ou noutra qualquer rio de norte a sul, sempre podíamos topar com os nossos anfitriões do PAIGC, sempre hospitaleiros “...dassseee”!, a treinar na carreira de tiro, para o que utilizavam a orla da mata visando o rio e as lanchas, treinando tiro ao alvo para ajuizar da qualidade da chapa balística montada nas lanchas, tipo máscara de protecção.

Para isso dispunham de equipamento diversificado que desde o canhangulo, no início, ao armamento ligeiro (AL), metralhadora pesada (MP), canhão s/recuo (Cs/R) ou o mortífero RPG 7, valia tudo.

E, meu Deus, que efeito o deste último brinquedo (RPG 7), no final já mesmo adicionado aos sofisticados mísseis.

Lá, sabíamos quem era o inimigo, onde normalmente se acoitava e que armamento contra nós utilizava. De forma idêntica, podíamos combatê-lo e dispúnhamos de armamento eficaz.

Agora, o desconhecimento é quase total e tudo podem ser armadilhas, desde o simples respirar, à conversa ou a acabar no espirro.

O punho da porta da escada, o botão do elevador, notas ou moedas, enfim um mundo completo de “picadas minadas” para os mais incautos.

Cuidem-se, porque não sabemos o quê, onde, como, porquê e quando.

Sobretudo não saiam do vosso aquartelamento e quando saírem protejam-se de acordo



LDM's em patrulha (CF 9) nos canais próximos de Bissau – Guiné 1966/68



LFG's, LFP e LDP de braço dado no cais de Bissau 1968

com as normas da DGS.

Esperança renovada em pandemia terminada!

MLS

1TEN RN, 1965-1972

Guiné, LFG «Orion» 66/68

N.R. Manuel Lema Santos antecipou-se-me meia dúzia de anos no alistamento na Marinha de Guerra Portuguesa e por causa dela nos viemos a conhecer pessoalmente. Hoje, amigos, de vez em quando trocamos cumprimentos, vivências e experiências. Um destes dias fez-me chegar a reflexão acima através do “messenger”. Li, gostei e, fez-me tocar as campanhas. Estando no prelo o VOZ DE RETAXO relativo ao bimestre Março/Abril, pareceu-me que “entrava que

nem ginjas” nos conteúdos do jornal que, face à ausência de actividades da ACSRF Retaxo e outras notícias, se dedicará fundamentalmente à crise que estamos a viver. Perguntei-lhe se autorizava a publicação e... cá temos mais um colaborador do VOZ DE RETAXO!

Bem haja, amigo Lema Santos, por este teu contributo para dares a conhecer outras “pandemias” das quais muito pouco se conhece.

Porque eram “pandemias de guerra”!

LFG/LFP - Lancha de Fiscalização Grande/Pequena
LDG/LDM/LDP – Lancha de Desembarque Grande/Média/Pequena

Farmácia CABARRÃO

Propriedade e Direção Técnica: Maria de Fátima Cabarrão
Administração de Vacinas testes: Glicémia; Triglicéridos; Colesterol Total; Gravidez

Telef. 272 998 193 - Fax 272 998 195

Horário: segunda a Sexta 9h às 13h e 14h30 às 19h

Sábados 10h às 13h

Serviço de Disponibilidade 966 126 674

Serviços: Tensão Arterial; Peso/Altura

Rua Outeiro 126 6000-500 CEBOLAIS DE CIMA

João Carreto

Rua Fonte das Freiras N.º 15
6000-621 Retaxo
Castelo Branco



Telefone: 272 998 218
Telemóvel: 966 266 381
NIF: 131740407

Garrafeira Neto



CAFÉ PARIS



de Hugo Daniel Mendes Tavares

Bebidas, Petiscos e Máquina de Diversão

Rua Chão do Madeiro, n.º. 12

Telefone: 272997367 - 6000 - 621 Retaxo

HISTÓRIAS DE VIDA

é uma rubrica que recorda a uns e dá a conhecer a outros como se vivia



AVÔ e PADRINHO ZÉ

José da Silva Fernandes Bouceiro, que também assinava José Da Silva Bouceiro, nasceu a 3 de Outubro de 1911, na Aldeia de Carvalho, que hoje se chama Vila Nova do Carvalho (Covilhã).

Embora fosse o segundo filho do casal Manuel e Josefina, viria a ter mais sete irmãos, quatro homens e cinco mulheres.

O pai Manuel era operário fabril no sector dos lanifícios na cidade da Covilhã, que já começava a ter algumas fábricas, tendo vindo a tornar-se um importante pólo da indústria de lanifícios no nosso país, no século XX.

A mãe Josefina era doméstica e os afazeres caseiros e tomar conta da prole ate que eles fossem trabalhar para ajudar a família, pois os recursos eram fracos, eram as suas ocupações.

Assim o meu padrinho Zé, como tanto gostava que eu o tratasse (embora ele fosse meu avô paterno) também era meu padrinho de baptismo. Com a tenra idade de sete anos iniciou a sua carreira no mundo dos lanifícios. Segundo ele a tarefa apresentava-se difícil, se não imaginemos uma criança tão jovem, sózinho, descalço, já que as primeiras botas que teve já tinha quinze anos de idade, invernos frios junto à Serra da Estrela, mal nutrido, trabalhavam dois dias na fábrica e pagavam-lhe um e, os mestres, quando não gostavam do trabalho que faziam, repreendiam-nos e até os agrediam fisicamente.

Se calhar foram estas condições tão duras e adversas que moldaram o carácter e personalidade do meu padrinho Zé, um homem destemido sempre pronto a ajudar o próximo, leal, expedito e justo, qualidades que eu tanto apreciei porque o caracterizavam.

Os anos foram passando e o meu bisavô Manuel foi convidado para ir trabalhar para Cebolais de Cima onde a indústria de lanifícios começava então a ter alguma expressão e para ali levou consigo a família toda. Todos os irmãos homens do meu padrinho tiveram uma vida ligada aos lanifícios, não só em Cebolais mas também noutros lugares.

O meu padrinho foi tendo trabalho nos lanifícios até que, corriam os anos 30, chegou a altura de ingressar na vida militar, como ele denominava a tropa. Foi colocado na Escola Prática de Cavalaria, que na altura estava sedeadada em Torres Novas, onde teve como Comandante de Esquadrão o jovem oficial António de Spínola. Os cavalos decididamente não eram a sua vocação. Dizia que eram bravos e não se deixavam domar. E então enveredou pela

especialidade de “barbeiro” até terminar o serviço militar.

Chegado ao Retaxo, onde então a sua família morava, casou com a minha avó Ana, filha de agricultores, e não tendo conseguido um emprego nos lanifícios e não estando apto nem com vontade de aprender as artes agrícolas, abriu uma barbearia e dedicou-se à caça para vender. Estamos a falar de uma época que se caçava todos os dias e havia muita caça, pois os campos estavam todos cultivados, não faltando alimento às espécies cinegéticas. Contou-me que num ano abateu 86 lebres, que vendia a oito escudos cada uma. No Retaxo poucos caçadores havia, seriam apenas ele, Zé Bouceiro e os amigos João e Agostinho Ribeiro.

Mas o apelo dos lanifícios era maior e lá acabou por arranjar trabalho nas fábricas.

A par do gosto pelos lanifícios tinha também uma paixão que era o fado, tocar guitarra e cantar, cantar sobretudo de improviso o chamado fado à desgarrada. Uma coisa que sempre me impressionou foi como é que um homem com um grau académico tão baixo, nesta altura só tinha a segunda classe da instrução primaria, vindo muito depois e só quando necessitou de tirar a carta de condução, a obter o diploma da quarta classe, tinha um vocabulário tão diverso e facilidade em construir versos e rimas.

Tendo decidido trabalhar por conta própria, fundou então uma fábrica de lanifícios na Foz Do Cibrão, localidade do concelho de Vila Velha de Rodão, fábrica movida pela força das águas da ribeira da Foz que desagua no rio Ocreza, só que para conseguir o alvará de funcionamento da fábrica, o que era difícil porque a concorrência também interferia negativamente no licenciamento, o Zé Bouceiro teve de marcar uma audiência com o então todo poderoso Presidente do Conselho, Oliveira Salazar. Foi recebido e autorizada a laboração



da fábrica. A lá que era trabalhada na fábrica da Foz do Cibrão era depois por ele transportada, em mulas, para Cebolais de Cima.

Depois de a fábrica da Foz fechar, pois deixou de ser rentável a sua laboração, mais uma aventura. O avô Zé, com a família atrás, foi até Águeda e ali criou um nova fábrica, esta de sociedade com o irmão Jerónimo, que não só fabricava lanifícios mas também campainhas para bicicleta da marca Valle.

Trabalhou ainda na CUF durante algum tempo, uma experiência nova em todos os aspectos face à modernidade da tecnologia. Ali aprendeu a ler esquemas de montagem de máquinas, o que lhe viria a ser muito útil no futuro. Foi nessa época que viveu o fado em Lisboa, em boites e outros lupanares cantou o fado à desgarrada, chegou a conhecer o grande Alfredo Marceneiro, Alfredo Farinha e até o Zé Santa Camarão, o nosso grande pugilista de nível mundial. Nessa Lisboa do fado e dos marialvas, contactou com o meio operário do Barreiro e as suas lutas e ideais e era realmente com os operários que ele se sentia bem.

Ainda trabalhou em São Romão (Seia) e Castanheira de Pêra até que, finalmente regressa a Cebolais de Cima onde, no início dos anos 60 arrendou, à família de Manuel Lopes Romãozinho, a Fábrica de Cardação e Fiação da Latada, Lda, e ao mesmo tempo montou junto à sua casa em



Retaxo, uma fábrica de pasta de algodão e uma pequena tecelagem. Tendo a pasta de algodão perdido interesse económico, acabou por ficar apenas a tecelagem.

No início dos anos setenta terminou o contrato de arrendamento da Latada e além da tecelagem em Retaxo enveredou pela montagem de máquinas de lanifícios onde fosse necessário.

Também no início dos anos 70 apareceu um outro projecto. Em parceria com um novo sócio e em Moçambique, acalentou a ideia de ali fundar uma fabrica de transformação de algodão, porque se dizia que o algodão moçambicano era de muito boa qualidade. Esse projecto não se veio a concretizar, em parte devido à revolução de Abril e posterior independência daquela antiga colónia.

Como estava ligado à montagem de maquinaria de lanifícios, chegou air à Holanda acompanhando investidores do ramo para ali adquirirem novas máquinas.

Dedicou-se ainda à serralharia civil e torneiro mecânico, fez portas, portões e janelas, de que hoje ainda há exemplares no Retaxo e aldeias próximas.

Conforme atrás referi, no início da década de sessenta obteve a carta de condução e comprou um automóvel, um Opel Kadett. Refira-se que a condução automóvel nunca foi o seu forte, mas lá se foi desenrascando de acordo com as suas necessidades.

A paixão pelo fado nunca esmoreceu e dava-lhe um prazer tremendo, vibrava ao alegrar festas e convívios. Estava-lhe no sangue e numa das vezes em que foi a uma dessa tertúlias a que chamavam de “paródia”, também o acompanhei ao Freixial do Campo. Começou num jantar e terminou ao nascer do dia, comigo a dormir dentro do automóvel!

Que boas recordações tenho do

Num dia da festa de “OS JO-SÉS”, nos anos 80 e na ADRR – Augusto dos Santos (acordeon), José Bouceiro, José Grade, José Ribeiro, José Duque e José Rodrigues, hoje já todos falecidos.



meu avô e padrinho!

Ensinou-me a nadar, foi com ele que tive o primeiro contacto com armas de caça, ensinou-me a carregar os cartuchos de caça, fui com ele a inúmeras caçadas e ensinou-me a tocar guitarra portuguesa. Do meu padrinho e para todo o sempre guardo na memória, o homem, o artista, o companheiro, o boémio, mas também o trabalhador com elevado espírito de responsabilidade.

Quando já estava doente e fraco, com diabetes e outras maleitas, as pessoas davam-lhe conselhos para se resguardar, ter cuidado. Respondia que se formos cuidadosos duramos pelo menos 125 anos e se não o formos duramos 120! No meio de tantos anos que diferença existe, perguntava.

No início dos anos 90, eu trabalhava em Lisboa. Quando partia para Lisboa ia sempre despedir-me do meu avô Zé e ele dizia-me:

- Sabes qual é o meu maior desgosto?

- É não ter a tua idade! Íamos os dois para Lisboa cantar o fado!...

Há um verso dele que nunca vou esquecer. Estava a cantar ao desafio com um homem que, não sendo padre, frequentara os meios eclesiásticos, e que a cantar lhe perguntou quem tinha criado o mundo, o universo?

E o meu padrinho respondeu assim: - Isto do mundo é um pego sem fundo, quem fez o céu e a terra, fez o resto do mundo!

E chegámos finalmente ao início do ano de 1991, o último, o derradeiro. As forças já eram poucas, o fim estava a aproximar-se, mas o carinho pelo neto e a lucidez estavam lá, era ainda o Zé Bouceiro e, então disse-me a jeito de confissão: - Estou no fim, mas vou dizer-te que os lanifícios nos Cebolais e no Retaxo e noutros locais de Portugal, são os que melhor conheço e estão a um passo do fim. O parque industrial é velho e absoleto, a mão-de-obra é pouco qualificada, os padrões e os produtos que fabricam são os mesmos de sempre, pouco diversificados e não há gestão á altura dos desafios que aí vêm!

E parece que assim foi!

E assim chegou o dia 16 de Fevereiro de 1991, dia em que o meu avô e padrinho faleceu, tendo sido sepultado no cemitério de Retaxo, a sua terra adoptiva.

José Manuel Bouceiro

ZÉ BOUCEIRO- O operário, o mestre, o fadista e o cozinheiro que gostava de viver

O Ti Zé Bouceiro

Aqui se citam, com as desculpas para algum que se tenha perdido, todos amigos e tertulianos com o Ti Zé Bouceiro, Joaquim Alfredo, Elísio Alfredo, João Alberto, Alfredo Ferreira, Domingos “Galguenho”, Alberto “Schwepps”, Antero, João Lourenço, Armindo Fígaro, Afonso Carolo, e mais alguns menos assíduos ou visitas de escola feita de amizade como os Daniel e o Carlos.

Conheci-o, já não sei em que ano, como Mestre da Latada (Fábrica de Cardação e Fiação da Latada, Lda.).

Tenho bem presente, pela manhã, quando pressentia movimento em casa de meus pais, o bater da mãozeira da porta, os bons dias já a subir as escadas acompanhado do inevitavelmente estranho, na primeira vez, “já hoje comi 1 kg de pau”... - Já hoje comeu o quê, ti Zé? - 1 Kg de pau, 1 kg de castanhas... E bebia-se mais uma

Na página 4 da VOZ DE RETAXO de ABRIL de 1989, foi publicada a entrevista a José da Silva Fernandes Bouceiro que hoje republicamos. Mas, porque a vida de mestre Zé Bouceiro, que conhecemos e com quem privámos ao longo de toda a década de 60, nos parece uma vida que merece ser conhecida em todas as suas vicissitudes, desafiámos o seu neto e afilhado José Manuel Bouceiro e o meu irmão Elísio Alfredo, a darem-nos a conhecer a personagem multifacetada encarnada num homem bom, amigo do seu amigo e das terras adoptivas, Retaxo e Cebolais, que o acolheram na maior parte da sua vida.

chávena de café de mistura feito na cafeteira de barro à roda do lume da lareira, a acompanhar uma das filhizes que as mãos da minha mãe tinha amassado e tendido.

As férias eram, naquele tempo e na nossa casa, ponto obrigatório de encontro para os da minha idade. Por causa, entre outras coisas, da música e dos inefáveis petiscos por arrebatamento. Mas também pelas tardes passadas na batota da sueca com os parceiros ti Zé Bouceiro, o António Baloja, o meu primo Alfredo e o meu irmão, que a noite era mais dada ao truque de quatro, de seis ou de oito conforme os presentes.

Qualquer motivo era pretexto para um petisco: um coelho

caçado nas barreiras do minhoto com a ajuda dos batedores e os imprescindíveis Boneco e Oriente, os cães, pelo Natal, ou uma meia dúzia de tartulhos apanhados à pressa, a meia tarde, pela Páscoa. Os mantimentos eram canalizados para a Latada onde, com todos a ajudar, Mestre Zé Bouceiro punha à prova os seus dotes para a culinária. Quem o queria ver contente, não estarei a mentir, era com a malta mais nova. Conversava-se, comia-se e bebia-se como que a abrir o apetite para a noite.

Que à noite... bem, à noite, no nosso terraço, que ainda não havia marquise, à luz da lâmpada, que nem era muito forte, com a lua

João A. Pires Carmona a escoar-se por entre as estrelas, enquanto Nazaré, a minha mãe, lavava a loiça na torneira e no alguidar à saída da porta da cozinha, saltavam o bandolim, o acordeão, as guitarras, as violas e soltavam-se as gargantas dos cantadores. Ou à desgarrada, com o Ti Zé a marcar as inspirações ou recorrendo ao seu imenso repertório daqueles fados de quatro estrofes, que tinha aprendido com os tocadores e

cantadores de feiras em tertúlias que em tempos teria partilhado, as noites ganhavam vida que acabava, normalmente, quando algum se lembrava que “amanhã é dia de trabalho, caracas!”...

O meu irmão, que não tinha jeito para cantar mas sabia ouvir e escrever, foi recolhendo muitas das estrofes que se foram ouvindo naqueles serões e noutras “paródias”. Não sendo a mais relevante, porque há tantas outras, não resisto a publicar, pela importância que tem para mim, as estrofes que no dia 27 de Novembro de 1970, o mestre Zé Bouceiro, me dedicou a propósito da minha despedida para a comissão militar da Guiné...

QUANDO A INSPIRAÇÃO DITA!	VI	XI	XVI
I	E de calça arregaçada	Vou para a guerra vou marchar	Ao som das ondas do mar
Vou deixar-te minha querida	Minha boina ao revez	Ai não me esqueço de ninguém	Eu não sei o que farei
Meu destino está marcado	Fui um valente soldado	Só cá levo no meu pensar	Para as minhas notas passar
Gozar o resto da vida	Quando eu voltar outra vez	Meu pai e minha mãe	Todas as noites cantarei
Como um valente soldado	VII	XII	XVII
II	Muitas lágrimas e carinhos	Minha namorada está bem	Veja se me dá licença
Não tenhas pena pois não	Por mim hei-de chorar	Eu ainda não sei quem é	Agora um pouquinho
No dia que eu embarcar	E por uns bons caminhos	E tudo corre por além	Não deve ser mal pareença
Vou a ser um valentão	Eu conto ir andar	E valha-me São José	Beber um copo de vinho.
Lá na vida militar	VIII	XIII	
III	E não me queiras beijar	E se quem beber quem é	
E se eu um dia voltar	No dia da despedida	Ando muito a procurar	
Minha história te contarei	Para eu não me lembrar	Eu levo debaixo do pé	
Não vale a pena chorar	Dos teus beijos minha querida	Até que eu possa voltar	
Eu sei bem o que eu sei	IX	XIV	
IV	Não é dia de festa	E eu não te vejo além	
Eu de arma vou armado	Embora a função o pareça	Eu tenho que embarcar	
Não tenho medo de ninguém	Só desejo como esta	Levo uma guitarra também	
Sou um valente soldado	No regresso aconteça	Viola para me acompanhar	
Olha não chores meu bem	X	XV	
V	É preciso ter cabeça	E se um dia cá chegar	
E se eu por lá ficar	E não se deixar entornar	Quero chegar em bem	
Minha pena é a tua	Não fazer o que lhe apeteça	E eu te hei-de ir buscar	
Fui de soldado a armar	Para são e vivo voltar	Deixa-te estar que estás bem	
E de pistola para a rua			

Os anos 60 foram assim, feitos de amizade e convívio! A tropa, a guerra colonial, interromperam um ciclo da nossa vida que terminou ali..., porque mudou as nossas vidas!

Elísio Alfredo

GINA 4

Conversando com...

V.R.-Sr. José, quantos anos tem, e qual o seu nome completo?
J.B.-Chamo-me José da Silva Fernandes Bouceiro e tenho 77 anos.
V.R.-Há quantos anos reside em Retaxo?
J.B.-Tinha 12 anos quando vim para o Retaxo, pois sou natural de Aldeia de Carvalhos-Covilhã, assim residindo em Retaxo há 65 anos.
V.R.-Fale-nos dos seus tempos de criança. Quais brinquedos e brincadeiras?
J.B.-Não fiz a Escola, tinha um Professor particular. Nesse tempo não havia tempo para brincadeiras, tínhamos que começar a trabalhar muito cedo, eu comecei aos 7 anos, numa Fábrica pertença de meu Pai e aos 3 sócios.
Foi a 1ª Fábrica de Lanifícios existente em Retaxo, era só Fiação e Cardação. Os teares, cada um tinha os seus em casa e eram todos manuais, os teares de madeira.
V.R.-Qual a ocupação das mulheres nesse tempo?
J.B.-A principal ocupação das mulheres era a tecelagem caseira onde fabricavam o tecido, um tecido que se chamava racha ou castelhana. Mais tarde apareceu um tecido chamado amazona, que era parecido com actual cetim.
V.R.-Como se vestiam antigamente as mulheres?
J.B.-Os homens usavam a saragoça e o saíto, camisas de linho e de riscado, botas e sapatos só a partir da altura em que começavam a trabalhar pois eram muito caros.
As raparigas usavam as chamadas "roupihas", constituídas por saia e saquinha gual, lenço na cabeça e ainda o cabelo panchado, as "poupas", frequentemente aparadas o tal "bichito" (piolhos).
Sapatos, só quando mais velhas, e nos bailes muitas vezes dançavam descalças para não os mesmos durarem mais. A cor dos mecos, era principalmente o preto.
V.R.-O Sr. José sempre foi um grande fadista. Fale-nos desses tempos!
J.B.-Todos os Domingos, dia de descanso e de Bailes, usava a minha guitarra, uma flautim os bailes. Ia daqui aos Perais, Amarelos e outras terras, a pé, onde ia fazer esses bailes e muitas vezes cantar o "descante". As raparigas desse tempo eram muito esquisitas.
Era frequente existirem saragoças nos bailes e entre Retaxo e Cebolais de Cima era uma guerra tremenda. Havia "pedrada e tiros" entre uns e outros.
V.R.-Como se alimentavam no seu tempo de criança e jovem?
J.B.-Nesse tempo a alimentação era à base de sopa, batatas e de vez em quando uma sardinha.
Alguns matavam o seu "porquinho".
Fruta muito pouca, uma laranja ou maçã e era tudo.
Em Retaxo, mesmo assim, não se vivia muito mal a comparar com outras terras.
V.R.-Quais as Romarias que mais frequentavam?
J.B.-Além da nossa Festa, S.ª da Guia, as mais fortes eram a S.ª da Alagada e também a S.ª da Póvoa.
Nesse tempo todos se deslocavam a pé, em burros ou carros de bois.
V.R.-Para finalizar, qual a sua opinião sobre o Boletim "Voz de Retaxo"?
J.B.-Acho que fazem bem em continuar, e com iniciativas deste tipo que se divulga e engrandece a nossa terra.

MARIA LUCINDA SOBREIRA GOMES
PAULA CRISTINA NUNES GOMES

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR:
JOSÉ LUIS AFONSO PIRES.

COLABORADORES:
JOSÉ MANUEL AFONSO PIRES
MARIA LUCINDA SOBREIRA GOMES
JOSÉ MANUEL VALENTE CARDOSO
PAULA CRISTINA NUNES GOMES
JOAQUIM JOSÉ VALENTE CARDOSO
MARIA MANUELA PIRES GONÇALVES
MARIA MANUELA GOULEIRO SEBORRO.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:
Rancho Folclórico de Retaxo

FUNDADO EM 1981
Sede: Rua Capitão João Belo, 15
RETAXO - 6000 CASTELO BRANCO
(MÉDIA BAIXA)

DIVULGUE A IMPRENSA REGIONAL



Luis Belo

Telm. 966 452 422

luisbeloautomoveis@gmail.com | R. Agostinho Belo - 6000-621 Retaxo

Compra e venda

Veículos Automóveis Novos e Usados

Salão Paula

Cabeleireira



Bairro da Sr.ª. da Guia

Telefone: 272 989884 6000 - 621 RETAXO





ZONAUTO, LDA

Reparação, peças e venda de Automóveis

Telef. 272329442

6000 - 997 Castelo Branco

Manuel Dias Gonçalves

Com a idade de 89 anos, faleceu no dia 6 de Abril o nosso associado Manuel Dias Gonçalves.

Depois de muitos anos em França, país em que com a sua mulher trabalharam até à reforma, regressaram à sua terra para aqui usufruírem de um merecido descanso e sem compromissos profissionais.

Nos últimos tempos o Ti Manuel tinha visto os seus problemas de saúde agravarem-se, e deixámos de o

ver no Café Retiro (café do Russo), local onde ia diariamente tomar o seu café.

Há muitos anos que era associado da nossa colectividade e participou em muitos eventos que realizámos, sempre acompanhado da sua esposa.

Que a sua alma descanse em paz e condolências a toda a sua família.

Até um dia Ti Manuel Portela!



José Luís Pires

Rua dos Palheirinhos (Cebolais)!...chegou a sua hora!



Quando chegará a hora da LATADA?...Tardará? Era bom que não!

MULTIBANCO regressou a Cebolais!



Valeu o esforço e TODOS AGRADECEMOS! PORQUE FAZ MESMO FALTA, já que além de “dar” dinheiro ainda permite que todos nós poupemos os tostões das deslocações...

João A. Pires Carmona

9 de Maio de 2020 (sábado) Convívio dos FILHOS DA ESCOLA

do distrito Castelo Branco
com o apoio da CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO



LOCAL: restaurante QUINTA DAS OLELAS (Represa)
(10 kms a SUL de Castelo Branco, junto à A23 / IP 2 – saída km 109 para Samadas/Cebolais e seguir EN 3 sentido Castelo Branco, sair à direita para Retaxo/Cebolais e seguir indicações do restaurante)

PROGRAMA: data a indicar

12.00 – concentração

12.30 – aperitivos/almoço

15.30/17.00 – actuação do GRUPO DIXIELAND ➔

18.30 – lanche ajeitarado

Organização:

João Gonçalves (S. Vicente da Beira) – 968 039 610

Carlos Pereira (S. Vicente da Beira) – 924 281 136

Américo Ginja (Café) – 963 829 216

João Carmona (Café) – 93 787 17

João Mendes (VVRódão) – 968 277 717

Joaquim Lopes (Amarelos) – 967645888

INSCRIÇÕES até 15 de Abril de 2020 Preço estimado: 30 (trinta) marujos

15AR B Fernandes Gaspar - Sousafone/Tuba
15AR B Vallen Passarinho - Perussão
15AR B Fábio Vilhena - Clarinete
15AR B Mário Penhela - Sax-Tenor
15AR B Fábio Madureira - Trombone
CAB B Gênia da Silva - Trompete

NECROLOGIA

- Ana da Piedade, 95 anos, dia 1 de Março, residente em Retaxo;
- Fausto Rodrigues Nunes, 83 anos, dia 3 de Março, residente em Represa;
- Olívia da Piedade Miguens Lopes, 82 anos, dia 4 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- António José Pinto Ramos, 64 anos, dia 4 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- Maria Cândida, 94 anos, dia 19 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- Nazaré Pereira Ribeiro Duarte, 92 anos, dia 23 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- Maria Miquelina Mendes Nunes Moura Farinha, 82 anos, dia 27 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- Manuel Dias Gonçalves, 89 anos, dia 06 de Abril, residente em Retaxo;
- Manuel Alves dos Santos, 76 anos, dia 15 de Abril, residente em Cebolais de Cima;
- João Lopes Louro, 90 anos, dia 28 de Abril, residente em Cebolais de Cima

SENTIDAS CONDOLÊNCIAS DA ACSRF Retaxo A SEUS FAMILIARES E AMIGOS

Consulting
SOLUÇÕES EMPRESARIAIS

Cristóvão Mendes
Telemóvel 963 290 155
Mail: cristovao.mendes@c-consulting.pt
Site: www.c-consulting.pt

Estrada do Montalvão
N.º 67 R/C - Loja 1
6000-050 CASTELO BRANCO

FICHA TÉCNICA Propriedade e Edição

Boletim FOLCLORE –
desde Novembro 1985
Boletim/Jornal VOZ DE RETAXO –
desde Janeiro 1989
Rua Capitão João Belo, nº 15
6000-621 Retaxo
Tel./Fax – 272 99 7151
NIPC 501 895 108
Email - acsrfretaxo@gmail.com
Web – http://acsranchofolcloricoetaxo.org
Publicação ao abrigo do disposto no:
Artº 12º 1. a) do Dec.Reg. 8/99 de 9 de Junho

Voz de Retaxo

Director:
João A. Pires Carmona

Colaboraram neste número:

Alísio Saraiva
Carlos Barata
Carlos Ribeiro
Conceição Correia
Cremilda Oliveira
Elísio Alfredo
José Luís Pires
Manuel Lema Santos
Serafim Lobato

